

Primeiros registros da batuira-de-coleira, *Charadrius collaris* Vieillot, 1818, (Charadriiformes: Charadriidae) para o município de São Paulo, SP

**Carlos Otávio Araujo Gussoni^{1,4},
Fabio Schunck^{2,4}, Andre De Luca^{3,4},
Adilson Paulo Prudente do Amaral⁴,
Gilberto Correa Lima⁴, Luiz Fernando
de Andrade Figueiredo⁴, Ricardo Pires
de Campos⁴, Tatiana Pongiluppi⁴**

INTRODUÇÃO

A batuira-de-coleira (*Charadrius collaris*) tem ampla distribuição geográfica, ocorrendo desde o Sul do México até regiões centrais da Argentina e Chile, onde aparenta ser mais comum na porção leste (ver del Hoyo *et al.* 1996; Canevari *et al.* 2001). No Brasil ocorre durante todo o ano em todas as regiões, desde o litoral até o interior do país, onde é mais frequente (Novelli 1997; Sick 1997). No estado de São Paulo sua distribuição é igualmente ampla, sendo mais comum na região litorânea



Figura 2 e 3- Indivíduo de *Charadrius collaris* fotografado na Represa do Guarapiranga (Foto de Fabio Schunck)

(Willis & Oniki 2003). Devido à perda acelerada dos habitats naturais, como os da região do bairro Ipiranga, onde existiam grandes áreas alagadas, muitas das espécies de maçaricos e batuíras não foram registradas no município de São Paulo na atualidade, sendo consideradas como provavelmente extintas localmente (Figueiredo & Lo 2000). A batuira-de-coleira habita áreas úmidas, onde se alimenta e nidifica (Hayman *et al.* 1996; Sick 1997; Willis & Oniki 2003). Apesar de não haver movimentos migratórios aparentes, segundo Belton (1994), sua maior frequência e detectabilidade, no Rio Grande do Sul, ocorre no inverno. É observado solitário ou aos pares, especialmente na época reprodutiva (Belton 1986). Alimenta-se de insetos e suas larvas, vermes, pequenos crustáceos, sepias, pequenos gastrópodos e larvas de

poliquetos (ver del Hoyo *et al.* 1996; Canevari *et al.* 2001).

REGISTROS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

O primeiro registro de *Charadrius collaris* no município de São Paulo ocorreu no dia 21 de maio de 2006 no Parque Ecológico do Tietê (23°48'S, 46°51'W), quando foram vistos seis indivíduos formando um único grupo, juntamente com alguns pernalongos-de-costas-brancas (*Himantopus melanurus*), marrecas-toicinho (*Anas bahamensis*), irerês (*Dendrocygna viduata*), jaçanãs (*Jacana jacana*) e frangos-d'água (*Gallinula chloropus*). Este grupo estava forrageando no solo lamacento de um depósito de sedimento formado pelo rio Tietê.

O segundo registro foi realizado no dia 11 de junho de 2006 na Praia da Lola, uma praia temporária na margem direita da Represa do Guarapiranga (23°41'S, 46°42'W) (Fig. 1). Foi registrado apenas um indivíduo apresentando plumagem de inverno (Fig. 2 e 3) que forrageava junto com quero-queros (*Vanellus chilensis*) e lavadeiras-mascaradas (*Fluvicola nengeta*). Este indivíduo foi monitorado e permaneceu nesta localidade entre os dias 11 de junho e 12 de julho de 2006, sendo que nos primeiros oito dias foi registrado diariamente. A Praia da Lola é uma das principais áreas de parada e descanso de aves migratórias na Represa do Guarapiranga. O uso público atual desta praia é descontrolado, pois além da grande quantidade de lixo deixado pelos frequentadores, existe uma circulação intensa de pessoas e animais domésticos, que pode prejudicar a permanência destas aves no local.



Figura 1 - Praia da Lola, localizada na Represa do Guarapiranga (Foto de Fabio Schunck)

Todos os registros foram documentados através de fotografia e filmagens e encontram-se disponíveis para consulta nos arquivos do CEO - Centro de Estudos Ornitológicos.

DISCUSSÃO

O período de estiagem no município de São Paulo ocorre nos meses mais frios do ano (outono-inverno), fazendo com que algumas áreas alagadas da cidade, como o Parque Ecológico do Tietê e a Represa do Guarapiranga, passem por uma redução intensa nos seus níveis hídricos, expondo muitos bancos de sedimentos (areia ou lama), áreas marginais e praias. Apesar de toda a poluição existente nestas regiões, as aves aquáticas têm encontrado verdadeiros refúgios de parada, alimentação e reprodução nestas localidades.

Segundo Figueiredo & Lo (2000) essa espécie ainda não tinha sido registrada para o município de São Paulo. Isso mostra a importância dessas regiões para a avifauna local e a necessidade de criação de novas Unidades de Conservação no entorno da cidade,

principalmente nos arredores da Represa do Guarapiranga, onde estão localizadas algumas das últimas áreas alagadas do município.

O registro de espécie de ave nunca antes observada no município de São Paulo é surpreendente, uma vez que este é um dos municípios mais bem estudados ornitologicamente no Brasil. Em adição, estes registros da batuira-de-coleira sugerem sua ocorrência sazonal no município. Isso demonstra a necessidade de se realizar inventários constantes e sistemáticos nas áreas naturais remanescentes, com o que será possível compreender melhor os movimentos e deslocamentos desta espécie no município de São Paulo e, eventualmente, detectar a ocorrência de novas espécies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Belton, W. (1994) *Aves do Rio Grande do Sul. Distribuição e biologia*. São Leopoldo: UNISINOS.
Canevari, P., Castro, G., Sallaberry, M. & Naranjo, L. G. (2001) *Guía de los Chorlos y playeros de la región Neotropical*. Santiago de Cali: American Bird Conservancy, WWF-US, Humedales para las Américas, Manomet Conservation Science y

Asociación Calidris.

Figueiredo, L. F. A. & Lo, V. K. (2000) Lista das aves do município de São Paulo. *Bol. CEO*. 14:15-35.

Hayman, P., Marchant, J. & Prater, T. (1986) *Shorebirds. An identification guide to the waders of the world*. London: Croom Helm.

Novelli, R. (1997) *Aves marinhas costeiras do Brasil. Identificação e biologia*. Porto Alegre: Cinco Continentes.

Piersma, T. (1996) Family Charadriidae (Plovers). p. 384-442. In: del Hoyo, Elliott, A. & Sargatal, J. Ed. *Handbook of the Birds of the World. Vol. 3*. Barcelona: Lynx Editions.

Sick, H. (1997) *Ornitologia Brasileira. Edição revista e ampliada por José Fernando Pacheco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Willis, E. O. & Oniki, Y. (2003) *Aves do Estado de São Paulo*. Rio Claro: Divisa.

¹ Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", UNESP, Rio Claro, SP; ² Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências e seção de aves do MZUSP - Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP; ³ SAVE Brasil - Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil; ⁴ CEO - Centro de Estudos Ornitológicos.